

Licenciatura Intercultural Indígena

Entender a diversidade cultural como vantagem pedagógica. Esta é a proposta do novo curso de Licenciatura Intercultural Indígena, que visa habilitar educadores indígenas de Minas Gerais para atuar como professores de ensino fundamental e médio em suas respectivas comunidades.

O curso de Licenciatura Intercultural Indígena - UFMG

A nova graduação surgiu através da experiência adquirida em um curso especial oferecido há dois anos pela Faculdade de Educação (FaE). O curso visa discutir metodologias participativas nos processos de ensino e aprendizagem, em uma perspectiva voltada para a educação intercultural. A nova graduação enfatiza as múltiplas linguagens, a realidade socioambiental nas aldeias e a interação entre as escolas indígenas e seus sujeitos.

Entende-se como educação intercultural um projeto pedagógico que busca promover o diálogo entre as culturas, reconhecendo as diferenças e fortalecendo o conhecimento indígena. Ele abrange áreas como a educação, produção cultural, edição e pesquisa. A UFMG é uma das pioneiras no país nesse tipo de iniciativa, junto com instituições de ensino de Mato Grosso e Roraima.

O objetivo do curso é oferecer instrumentos pedagógicos para que os indígenas possam atuar em suas aldeias, na escolarização de crianças, jovens e adultos, levando em consideração suas especificidades e modos de vida, contribuindo para melhorar a educação em suas comunidades.

O curso será oferecido a partir do vestibular 2009. Serão 35 vagas, com entrada única anual e duração de cinco anos. A criação do curso deu-se após a adesão da UFMG ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades (Reuni), programa do governo federal lançado no ano passado.

Laboratórios

As aulas serão na Faculdade de Educação (FaE), no campus Pampulha, utilizando os laboratórios interculturais já existentes e mantidos por grupos de pesquisa nas áreas de arqueologia, etnomusicologia, fonética, tradução e letras.

Os alunos terão aulas de filosofia, pedagogia, história, geografia, ecologia e tecnologias da memória, dentre outras. As atividades serão divididas em módulos programáticos, enfocando diferentes aspectos da vida indígena, como a arte, pintura corporal, artesanato, produção audiovisual e música. Além das aulas presenciais, a estrutura curricular exige que parte da graduação aconteça no campo, nas próprias comunidades dos estudantes.

Área de atuação

O profissional poderá atuar nos seguintes setores:

- Como professor em escolas indígenas;
- Como professor em escolas que ofereçam espaço para uma educação intercultural;
- Em universidades e institutos de pesquisa na realização de estudos sobre educação;
- Como agente cultural, editor, tradutor ou representante político do povo indígena.

Vida de professor intercultural indígena (Kanatyo Pataxó, 47 anos)

Kanatyo Pataxó é um dos professores que atuam na alfabetização de jovens e

adultos na tribo Pataxó, comunidade que fica próxima à cidade mineira de Divinópolis, na região Centro-Oeste de Minas Gerais. Ele conta que o desafio hoje é o de perpetuar, nos jovens, a identidade indígena, mas também de prepará-los para o mundo urbano. “Estamos em um novo tempo, precisamos ter um pé na nossa aldeia e outro no mundo. Fazemos nosso trabalho para adquirir conhecimento e tentar manter o jovem na aldeia, com idéias e projetos sociais ligados à terra”. A metodologia de ensino é feita a partir do projeto de vida da comunidade. As aulas enfocam, por exemplo, o espaço familiar da aldeia, a percepção do território, do ambiente, os conhecimentos dos mais velhos, a cultura, as curas da terra e a memória dos ancestrais. “A grande diferença entre a nossa escola e a tradicional é a forma de pensar na escola, lugar de ensinar, aprender, que está em todos os lugares da aldeia”.